

NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3727/3728 — BISSAU

LUIZ CABRAL AO POVO DE SARA:



A foto
foi colhida
em Portogole;
mas por todo o lado,
no Sara
como, há oito dias,
no Leste,
o camarada
Presidente
foi acolhido, em massa,
pelo Povo

“Na nossa terra já não há exploração do branco mas também não pode haver exploração do preto”

A região do rio Gambiel, a norte da confluência do Geba com o Corubal, caminho de Bambadinca, foi visitada, no sábado, pelo camarada Presidente Luiz Cabral, que ali foi inteirar-se dos estudos preliminares ao grande complexo açucareiro que vai funcionar a partir de 1980 e contribuir fortemente para mudar, a nosso favor, a face da actual dependência externa.

Trata-se da primeira experiên-

cia de industrialização da nossa agricultura e, a concluir-se com bom êxito, como o andamento dos trabalhos e os contactos de financiamento deixam prever, «será uma obra mais importante do que tudo quanto os colonialistas fizeram na nossa terra», como explicou o camarada Luiz Cabral à população da região, que veio esperar e saudar com o entusiasmo costumeiro.

Os seis mil hectares de terras onde vai ser plantada a cana produzirão 60 mil toneladas de açúcar o que, na base da cotação máxima já atingida no mercado internacional, dará um rendimento bruto superior ao actual

orçamento do Estado e um lucro líquido próximo da metade desse mesmo Orçamento. Se juntarmos a isto que a fábrica será implantada na própria região, dando assim trabalho aos filhos da terra e que o açúcar produzido será praticamente todo exportado, pode avaliar-se a importância sócio-económica do empreendimento.

Conforme também acentuou o camarada Presidente numa das repetidas paragens junto das tabancas da região, este empreendimento é a consequência prática de assumirmos, hoje, as nossas grandes responsabilidades, e de se colocar a riqueza do País

ao serviço do nosso povo.

Disse a este respeito o camarada Presidente: «Antes, todas as coisas que não eram bem feitas na nossa terra, dizia-se que era obra dos colonialistas; mas hoje, se as coisas não marcham direito, a culpa é nossa. Nós é que temos de tomar a terra para a compor».

Estas palavras foram ditas ao povo de Portogole, primeira paragem demorada da comitiva presidencial, que incluía, entre outros dirigentes do Partido e do Estado e convidados e amigos estrangeiros, os camaradas Nino

(Continua na pág. 5.)

OUA

Ministros reúnem em Addis-Abeba, a 23

ADDIS ABEBA (TASS) — A 26.ª sessão do Conselho de Ministros da Organização da Unidade Africana realizou-se de 23 a 28 deste mês em Addis Abeba, anunciou o Secretário da OUA.

Os participantes discutirão o orçamento da OUA para 1976-1977, a cooperação entre os países africanos no domínio técnico e a cooperação entre os estados africanos e árabes. A sessão examinará também o relatório do Comité de Libertação da OUA.

A delegação da República Popular de Angola, que se tornou o 47.º membro da OUA, toma parte na sessão.

Nigéria: Murtala Mohamed assassinado General Obasanjo novo chefe de Estado

LAGOS (A.F.P.) — O general Olusegun Obasanjo, novo chefe de estado da Nigéria, declarou no decurso da sua primeira mensagem radiodifundida, na noite de sábado, que tinha sido designado para aquele posto «contra a sua vontade pessoal», mas que tinha «aceitado esta honra no interesse da nação e em memória do presidente Murtala Mohamed.»

O general Obasanjo agradeceu às forças armadas e à

policia pela sua acção que permitiu o retorno à normalidade, no país, e pediu-lhes para reforçar a sua vigilância. Fez, em seguida, o elogio do seu antecessor. «A sua morte, disse, foi para mim um dos momentos mais tristes da minha vida.»

O general Obasanjo, depois de ter considerado que a Nigéria atravessa «um momento crítico da sua vida», garantiu que os culpados do

assassinato do general Mohamed «serão rapidamente levados perante a justiça» que, prometeu, «punirá severamente os implicados.»

Entretanto, realizou-se já o funeral do general Murtala, que ficou sepultado na sua terra natal, em Kano, no norte da Nigéria. Vários milhares de pessoas assistiram às cerimónias fúnebres, entre as quais membros do Conselho Militar Supremo.

I CONGRESSO

12 ANOS DEPOIS DE CASSACÁ

Faz agora doze anos que se reuniu em Cassacá, no Sul do País, o I Congresso do PAIGC. A reunião principiou a 13 de Fevereiro de 1964 para terminar a 17 do mesmo mês com a aprovação de resoluções decisivas para o futuro da nossa luta, nomeadamente: a criação das FARP, dos Armazéns do Povo, dos Serviços de Saúde e Educação e a correcção de vícios e desvios que comprometiam a imagem revolucionária do Partido. O facto é assinalado nesta edição de «NÓ PINTCHA» com uma completa reportagem, que inclui documentação inédita, as resoluções do Congresso, comentários do camarada Cabral e depoimentos dos camaradas Bo-bo Keita e Manuel Saturnino.

(Ver páginas centrais)

ANGOLA

Mais de dois terços dos países africanos reconheceram a R. P. A.

A Tunísia, a Gâmbia o Rwanda e o Botswana foram os últimos países africanos a anunciar o reconhecimento da jovem República Popular de Angola, que é agora reconhecida por 38 países do continente, o que representa mais de dois terços dos Estado membros da O.U.A..

Também os países do mercado comum europeu anunciaram que estão a discutir a possibilidade de reconhecerem a R.P.A., enquanto mercenários idos da Europa continuam a chegar a Kinsasa, a fim de ingressarem nas fileiras da destruída FNLA que, pela voz de um dos seus chefes de fila, Jonny Eduardo, anunciou que vai enveredar «pelo terrorismo»!

Em Lisboa, foi anunciado a noite, passada que Portugal deverá reconhecer hoje, finalmente, a R.P.A..

Na nossa edição de hoje, apresentamos aos leitores uma entrevista concedida pelo camarada Presidente Agostinho Neto a jornalistas soviéticos, bem como uma descrição de novos massacres cometidos pelos fan-toches da UNITA (cujo «chefe das forças armadas», Samuel Chiwale, foi morto em combate), em cidades agora libertadas pelas FAPLA.

(Ver página 7)



Juvêncio Gomes no regresso de Paris: "O PAIGC e o P.C.F. têm uma luta comum"

O camarada Juvêncio Gomes, membro do Conselho Superior da Luta e Presidente da Câmara Municipal de Bissau representou o PAIGC no XXII Congresso do Partido Comunista Francês, que se realizou recentemente. Após o seu regresso, o camarada Juvêncio

descreveu-nos as suas impressões sobre aquele acontecimento. Os contactos estabelecidos em Paris, as afinidades entre o PAIGC e o PCF e o papel deste Partido na luta anti-colonial foram outros temas abordados na entrevista que nos concedeu.

«Particpei no Congresso do Partido Comunista Francês como delegado da Direcção do nosso Partido, o PAIGC, ao lado de outros representantes de várias organizações, partidos e movimentos de libertação nacional», começou por nos dizer o camarada Juvêncio Gomes. «Não posso precisar o número exacto de

partidos e movimentos de libertação nacional que foram convidados a participar no Congresso, mas o total de delegações presentes era de oitenta e três».

DITADURA DO PROLETARIADO

Uma das decisões mais polémicas do XXII Congresso do Partido Comunista Francês foi o abandono da noção de ditadura de proletariado que Lenine considerou fundamental para a passagem ao socialismo. Por isso perguntámos ao camarada Juvêncio Gomes

qual a sua opinião sobre esta decisão,

«Pelas suas decisões, acho que este Congresso representa um acontecimento novo na história do movimento comunista internacional, disse-nos. E prosseguiu: «O movimento comunista internacional tem como base teórica a ciência marxista-leninista e um dos princípios que esta defende, com a conquista do poder, é o da ditadura do proletariado, ditadura da classe trabalhadora sobre a classe exploradora. O PCF decidiu abandonar esta noção. Mas, segundo a intervenção do seu secretário-geral, Georges Marchais, aquela medida foi tomada após um estudo profundo das realidades da sua terra, atendendo à actual correlação de forças a nível internacional e baseando-se ainda na experiência do Chile e na evolução política em Portugal depois do 25 de Abril. Relativamente à França, foi posto o problema de a burguesia francesa ter todo um poderio económico e financeiro e toda uma vasta experiência na luta anti-comunista. Por isso mesmo, os comunistas acham que devem conquistar o poder com uma maioria absoluta, que devem estabelecer uma democracia como uma fase de transição para o socialismo. A sociedade socialista que querem construir na sua terra é, segundo o termo que inventaram e empregam, «de cor francesa, quer dizer, de acordo com a sua situação. Tal decisão não significa que abandonem ou violem os princípios do marxismo-leninismo e aquela linha revolucionária, mas que, pelo contrário, reafirmam a sua inteira adesão e a sua solidariedade contínuo com a causa justa das massas trabalhadoras. Ao mesmo tempo, reafirmam o seu internacionalismo proletário, que nunca trairão. Portanto, do meu ponto de vista, acho que esta decisão é algo de novo e que só o tempo dirá ao movimento comunista internacional o que ela tem de positivo».

Sobre este assunto, o camarada Juvêncio Gomes acrescentou ainda:

«Segundo a decisão do Congresso, o PCF suprimiu a noção de ditadura do proletariado do seu programa, mas estabeleceu o objectivo de conquistar a maioria das massas populares francesas e atingir o número de 600 mil militantes até ao próximo congresso. Neste, o número atingido era de 500 mil.

UMA LUTA COMUM

Referindo-se aos contactos que manteve durante a sua permanência em França, com organizações e personalida-

(Continua na Pág. 3)

RESPONDE O POVO

Tem notado falta de pão em Bissau?

«Em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão», costuma dizer-se. A justeza deste dito popular foi confirmada nos últimos dias nas padarias de Bissau onde a falta de farinha e consequentes deficiências no fornecimento de pão provocaram lamentáveis cenas de competição e desordem entre os habituais consumidores.

O problema está em vias de solução, mas a pergunta aqui fica:

Tem notado falta de pão?

TERESA PAIS
(Funcionária)

«Na zona onde eu moro é difícil conseguir pão, pois os proprietários de tabernas ou pensões costumam guardar o pão para fazerem sanduiches. Além disso, há sempre diferenças no preço. Por exemplo, um pão de quatro escudos, custa ali cinco escudos. Actualmente, em Bissau, o único sítio onde se consegue bom pão é na padaria ao pé da Catedral, mas, muitas vezes, é preciso ficar na «bicha» por muito tempo, chegando mesmo a acontecer autênticas desordens e desentendimentos entre os compradores e o proprietário. Este não consegue manter a disciplina e atender a todos, pois cada um quer ser atendido em primeiro lugar, não respeitando os direitos de quem já estava à espera».

HILDEBRANDO MOREIRA
(Comerciante)

«Ultimamente tem-se verificado falta de pão nas padarias, devido talvez à falta de farinha. Por isso, não podemos atender os nossos consumidores de sanduiches, quando a padaria que nos fornece pão falha. Mas, segundo nos informaram, esta deficiência será totalmente ultrapassada com a chegada de um barco fretado que trouxe um carregamento de farinha».

BIA NA FANTCHAMENA
(Militante)

«Não tenho sentido dificuldades em conseguir pão, porque vou comprá-lo à padaria ou no mercado. Neste último caso, com a diferença de preço, o que até certo ponto se compreende, pois quando um indivíduo vai à padaria comprar pão para ir vender é com ideia de tirar o lucro e a diferença de um escudo não é muito grande».

M. AMÉLIA GOMES BARBOSA TAVARES
(Funcionária)

«Não tenho tido dificuldades na compra de pão, porque moro perto da padaria e mando buscar pão muito cedo. Penso que as dificuldades são da parte daquelas pessoas que moram longe, pois essas quando mandam buscar pão geralmente já não encontram, por se ter esgotado». «Discordo do preço do pão, porque nem todos têm possibilidade de

comprar pães de quatro, seis ou de sete escudos, e os de um escudo dificilmente se conseguem».

MARIA GOMES
(Doméstica)

«Às vezes mando buscar pão e quando se chega ao fim da «bicha» já não se encontra. Também acho que o preço do pão está errado, porque quando um indivíduo não tem dinheiro para comprar o de quatro ou seis escudos tem de ficar sem pão. Acho que deviam fazer mais pães de um escudo, pois assim já todos conseguem adquiri-los».

JOANA CORREIA
(Doméstica)

«Eu não costumo comprar pão todos os dias, mas às vezes, quando vou à padaria sou obrigada a voltar com o saco vazio. As padarias ultimamente têm falhado no fornecimento de pão ao público, umas vezes por falta de farinha e outras devido a avarias nas máquinas».



Joana Correia

NÔ PINTCHA

Órgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo

Trisemanário Nacional de Informação

Sal às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2550

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» — Rua António N'Bana, telefone 2520.

AMANHÃ — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2480

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSOES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIARIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas — «OS QUE NÃO PERDOAM» — m/14 anos e às 20,45 horas — «ROSAS VERMELHAS» — m/18 anos.

AMANHÃ — As 20,45 horas — «ROSAS VERMELHAS» — m/18 anos.

A visita de Pedro Pires à Europa do Leste reforçou laços de amizade e cooperação com os países do campo socialista

DAKAR (TASS) — O camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro da República Irmã de Cabo

Mensagem de Aristides Pereira para Senghor

DAKAR (AFP) — Leopold Sedar Senghor, Presidente da República do Senegal, recebeu, antes da sua partida para as Antilhas, o camarada Afonso Gomes, encarregado de Negócios da República de Cabo Verde, que lhe entregou uma mensagem pessoal do camarada Aristides Pereira, Presidente da República de Cabo Verde. O conteúdo da mensagem não foi revelado.

Verde apreciou muito os resultados da sua viagem às Repúblicas Democrática da Alemanha, Popular da Hungria e a Popular da Polónia. Na viagem de regresso da Polónia, o camarada Pedro Pires escalou o aeroporto de Dakar. Declarou à imprensa local que a sua viagem a estes países foi empreendida com o objectivo de reforçar os laços de amizade e de cooperação.

As bases das relações de amizade com os países socialistas, sublinhou o Primeiro-Ministro, foram estabelecidas durante a luta de libertação nacional conduzida pelo povo das Ilhas de Cabo Verde.

COOPERAÇÃO ARGELINA

Encontra-se em Cabo Verde uma delegação de técnicos do

Ministério do Comércio argelino, no quadro das conversações mantidas, quando da sua passagem por Argel em Outubro passado, entre o Primeiro-Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, e o ministro do Comércio argelino, Yaker Layachi.

Esta delegação teve uma reunião com os camaradas Arnaldo França, director-geral das Alfândegas, Manuel Pereira Silva, chefe do Gabinete do Primeiro-Ministro, Elisa Andrade, chefe do Gabinete do ministro da Economia, e Jorge Maurício, director da Empresa Pública de Abastecimento (EMPA). Em seguida, reuniu com o director nacional do Comércio, da República irmã de Cabo Verde, camarada Manuel Nascimento Delgado.



Amílcar Cabral

“Reforçar a nossa aprendizagem”

«E, no quadro da nossa acção, devemos levantar bem alto a bandeira contra o analfabetismo na nossa terra. Estamos contentes porque muitos camaradas já melhoraram os seus conhecimentos nesta luta. Muitos homens grandes da nossa terra, aprenderam a ler e escrever, quanto mais os rapazes. Hoje é raro aparecer um bigrupo que não tenha alguém que não sabe ler e escrever, mas antes eram muitos os que não sabiam ler nem escrever. Havia muitos bigrupos em que quase ninguém sabia ler e escrever. Devemos reforçar cada dia a aprendizagem».

«Mas há muitos camaradas que têm o segundo grau, o primeiro grau, o segundo ano, e então doutores que podem passar dias e dias com outros camaradas, sem fazerem nada, ou então descansando nas horas vagas, deitados ou contando «passadas», sem se lembrarem de dizer: camaradas vocês não sabem nada, venham cá, que eu vou ensinar-vos. Ou se sabem um bocado venham que eu vos ajudo a aprender mais um bocado. Mas os camaradas não pensam nisso, preferem contar «passadas», passear no mato, ou em Conakry ou em Ziguinchor, ou em Dakar».

«Devemos trabalhar muito para construirmos uma vida nova na nossa terra, camaradas. Devemos, por exemplo, e o Partido já começou a fazê-lo, espalhar na nossa gente, a ideia da limpeza, da higiene, como se diz. O nosso povo é limpo, gosta muito de tomar banho, gosta de limpar os dentes, sempre, mas não são todos. Há os que não gostam muito e até mesmo podem tomar banho, mas meterem-se na lama depois, por causa de certas coisas. Temos que trabalhar para mostrar ao nosso povo que a sua vida, o prolongamento da sua vida, também depende muito da limpeza da sua casa. Se um povo vive misturado com a sujeira e outras coisas, está mal, porque esse meio é bom para aqueles bichos que fazem mal ao homem, crescerem à vontade. Para as moscas e outros bichos que trazem muitas doenças. Devemos explicar ao nosso povo as normas de higiene. Esse é um aspecto fundamental da nossa resistência cultural».

«Começamos com as brigadas de saúde, mas até onde as levamos? Pouco trabalho em relação aquilo que era preciso fazer. Mas o comissário político deve ser um agente da higiene. Chegue onde chegar, deve exigir que se limpe. Mas mesmo em Boké, por exemplo, ou num lar, fora, os camaradas responsáveis que passam, encontram tudo sujo e não dizem nada. Só um ou outro se preocupa com a limpeza. Não pode ser tão sujo, é preciso limpar, varrer. Temos que desenvolver isso no nosso espírito, camaradas, limpeza, higiene».

«Cada responsável ou militante do Partido deve ser um agente de higiene na nossa terra. Em qualquer lugar onde chegar, tem que exigir limpeza e ele como bom responsável deve ser o primeiro a pegar na vassoura se for preciso, para limpar, para mostrar aos outros que não tem vergonha, que está lutar pela sua terra, está a dar a sua vida pela nossa luta, mas não é capaz de viver no meio da sujeira, porque ninguém pega para limpar, porque limpar é descer de categoria. Como é que isso pode indicar ao nosso povo o caminho de facto para se levantar, para sair da sujeira?».

«Porque se queremos uma resposta para a nossa luta, se podemos dizer que a nossa luta, na Guiné e em Cabo Verde é para não termos mais nenhum desgraçado, também podemos dizer que é para não haver mais nenhuma porcaria e promiscuidade no nosso meio. Quando acabarmos com isso, já teremos avançado muito na nossa luta. Chegamos a dizer aos camaradas que convencessem a nossa gente a fazer latrinas, por exemplo. Isso não quer dizer que as latrinas é que mostram o progresso, não, a latrina não é nenhum progresso, um povo que faz as suas necessidades no mato pode ser mais avançado do que um povo que tem latrinas. Mas na medida em que se fizeram latrinas, deve-se ir avançando noutros campos, porque quando se afasta o sítio das necessidades está-se a evitar doenças para o nosso povo. Porque sabemos que há sítios onde, para uma pessoa passar, tem que tapar o nariz, senão...».

PAÍS

Juvêncio Gomes

“O PAIGC e o P.C.F. têm uma luta comum”

(Continuação na página 2)

des políticas, com vista ao estreitamento de relações com o nosso Partido, o nosso Estado e o povo da Guiné-Bissau, o camarada Juvêncio Gomes declarou-nos:

«No dia 9, após um almoço de confraternização oferecido pelo Comité Central a todas as delegações tive uma reunião com o responsável para os Assuntos Externos do C. C. do P.C.F., onde discutimos vários assuntos, entre os quais o estreitamento das relações entre os nossos dois partidos. Ele exprimiu o maior interesse nesse sentido e o propósito de dar todo o apoio possível ao nosso Partido, no aspecto político, material, etc. Abordámos também problemas de nível internacional, nomeadamente o problema da nova ordem económica internacional que obriga a uma luta por parte de todos os partidos comunistas e todos os movimentos contra as sociedades multinacionais. Hoje, o imperialismo e o capitalismo tendem a modernizar o seu sistema de dominação económica, criando companhias multinacionais, o que lhes permite uma exploração mais profunda e mais refinada das classes trabalhadoras. Portanto, a luta contra o capitalismo e o imperialismo diz respeito não só às organizações progressistas nos países capitalistas mas a todas as organizações progressistas, a todos os partidos e movimentos de libertação nacional nos países em vias de desenvolvimento.»

APOIO AO MPLA

O problema angolano continua no centro das atenções de todo o mundo. Ele não podia deixar de estar presente, quer nas intervenções do Congresso, quer nas conversações que o representante do PAIGC manteve em França. O camarada Juvêncio Gomes dá-nos conta da maneira como a questão de Angola é vista daquele país.

«Quando tocámos o problema angolano, manifestei claramente que a luta do povo angolano, dirigida pelo MPLA, é a nossa própria luta, a luta do nosso Partido e do nosso povo, pois o PAIGC e o MPLA são partidos irmãos e têm uma organização que os une mais de perto, a CONCP, a sua frente comum de luta que tem mais de uma dezena de anos de existência. Mesmo antes da criação deste organismo, as actividades dos dirigentes dos nossos dois partidos assim como dos seus militantes, tinham uma orientação comum. Como já alcançamos a nossa independência, é nosso dever manifestar ainda com mais força a nossa solidariedade com o povo angolano na sua luta pela independência. Nós defendemos intransigentemente a nossa unidade e consideramo-la já uma tradição».

«O secretário-geral do PCF, na sua intervenção no Congresso, manifestou o seu apoio incondicional à causa justa do povo angolano sob a direcção do MPLA. Neste aspecto, os nossos dois parti-

dos têm um ideal comum.»

A propósito, como reagiu, no Congresso, o PCF face à ajuda que o governo francês concede aos movimentos fantoches da UNITA e FNLA na agressão ao povo angolano?

«Perante todo o Congresso foi condenado energicamente a ajuda que o Governo francês está a prestar aos movimentos fantoches da UNITA e da FNLA e o secretário-geral deixou-o bem claro durante a sua intervenção. Deixou também claro que continuarão a desenvolver uma luta mais forte do que nunca junto do governo francês, no sentido de eliminarem tal ajuda.»

Para concluir, o camarada Juvêncio Gomes falou-nos das afinidades existentes entre o nosso Partido e o Partido Comunista Francês, dizendo: «O nosso Partido não é comunista, mas achamos que temos afinidades na medida em que estamos a lutar por uma causa justa. A nossa luta para a libertação nacional, não beneficiou só o nosso povo, mas sim todos os povos do mundo amantes da paz e do progresso. Assim também a luta que o Partido Comunista Francês tem levado até aqui e que continuará a levar, não foi só em benefício do povo francês, mas de todos os povos do mundo, amantes da paz e progresso. As nossas lutas influenciam-se mutuamente, os nossos objectivos têm de comum a «defesa intransigente da causa justa da Humanidade.»

14 a 17 de Fevereiro de 1964

O I CONGRESSO E TEMPEROU O



A criação das Milícias Populares foi uma das principais decisões do Congresso. Na gravura, o camarada Cabral acompanhando elementos da milícia feminina.

«O Primeiro Congresso do nosso Partido foi realizado devido à necessidade urgente de mudarmos a face da nossa luta armada. Muitos de nós quando foram para lá não faziam a mínima ideia disso, apesar de alguns dos nossos quadros terem recebido preparação político-militar no estrangeiro. Muitos não tinham uma orientação clara sobre a luta que estávamos a fazer confundindo e transformando a luta em seu próprio interesse, o interesse da sua barriga. Então surgiram muitos problemas, nessa ocasião. A luta armada começou em 1963 e um ano depois necessitava de ser totalmente transformada, de cor-

rigir os erros que cometemos no decorrer desse período embrionário e de fazer um análise sério do bom ou do mal que tínhamos feito. A direcção do Partido viu que era preciso fazer o Congresso e deu ordem para que os responsáveis se encontrassem em Cassacá no sector de Quitáfine».

Completam-se hoje doze anos sobre o I Congresso do Partido, realizado em Cassacá, sector de Quitáfine, entre os dias 14 e 17 de Fevereiro de 1964. Durante estes dias, incluindo as reuniões preparatórias, os dirigentes discutiram o que tinha sido a luta até então e o futuro que a partir dessa experiência deviam começar a preparar.

As palavras acima transcritas introduzem-nos no ambiente do Congresso e são do camarada Bobo Keita, hoje membro do Conselho Superior da Luta, e do Estado-Maior das Forças Armadas. A reunião começara intencionalmente como «VI Reunião de Quadros»; mas no decorrer dos trabalhos transformou-se mesmo em Congresso, revestindo-se de uma importância que hoje mais facilmente se avalia, conhecida como é a evolução posterior da luta.

Deixemos que o camarada Bobo Keita nos continue a dar a sua opinião sobre este primeiro Congresso do PAIGC, como participante activo que foi:

«Pessoalmente desconheço as condições convocatórias, pois nessa altura eu me encontrava na frente Norte e fui convocado pelo camarada Osvaldo Vieira, responsável máximo dessa frente. Fazia parte dessa delegação nortenha os camaradas Chico Té, Constantino Teixeira, Lai Seck, Quecuta Mané, Braima Calco, Mussa Sambú, Mussa Fati e um elemento da população, pois não podíamos ir mais do que estes, dado o momento da luta na nossa frente».

«As decisões que foram tomadas nesse Congresso vieram mudar completamente as nossas vidas e a nossa luta. Neste tempo alguns camaradas responsáveis do Partido, na sua área ou sectores, cometiam erros e mais erros. O Congresso veio pôr os pontos nos is».

«A nossa luta encontrava-se na fase de guerrilha no Congresso decidimos criar um Exército Popular, a Milícia Popular, que integrava homens e mulheres; a Saúde, pois antes os nossos serviços da saúde eram à base de primeiros socorros, não estando à altura de servir da saúde dos nossos combatentes e nosso povo; os Armazéns do Povo, que eram uma grande arma e criação das Escolas. Tomaram-se decisões contra alguns camaradas que apesar das suas responsabilidades cometeram erros graves; foram julgados alguns; outros foram destituídos dos seus cargos. Abriam-se novas áreas da luta em Gabú, Chão Manjaco e S. Domingos; separou-se o poder político do poder militar, pois antes do Congresso um responsável tinha as funções políticas militares; criaram-se os Comités da Base».

«O Congresso de Cassacá, permitiu-nos reflectir sobre a importância que tem a nossa luta de libertação nacional, permitiu-nos fazer uma reflexão profunda, para assim podermos ter consciência da dura caminhada que estava na nossa frente, das responsabilidades que estavam em cima dos nossos ombros, perante o nosso povo».

«Depois do Congresso o nosso povo ganhou mais confiança na direcção do nosso Partido, pois nesse Congresso chegou à conclusão de que estávamos a lutar pelo seu interesse. Verificámos isso no nosso regresso, pois

Amílcar Cabral no Seminário de Quadros

“Fizemos o Congresso de Cassacá para pormos o Partido no caminho certo”

«Os resultados da reunião do Congresso não se fizeram esperar no avanço da luta em todos os domínios. As explicações podem encontrar-se no acervo de resoluções que publicamos nesta edição; mas devem situar-se também na luta que se desenvolveu no interior do Congresso até à derrota dos que se tinham desviado da linha revolucionária original do PAIGC.

Amílcar Cabral resumiu essa luta, durante o Seminário de Quadros, em 1969, em Conakry. Eis esse resumo na versão portuguesa do original em crioulo:

Camarada: a nossa luta desenvolveu-se, passamos a nossa luta para outra fase grande que foi após o nosso Congresso de Cassacá, que teve a coragem de cortar grandes vícios criados na nossa luta. Os camaradas conhecem essa história, mas não é mal eu resumí-la: — O Partido já está doente, após um ano de luta. Toda gente queria o Secretário-Geral como chefe, mas não queriam entender-se uns com outros, sobretudo no Sul na nossa terra, porque no Norte a área de luta era quase só Oio, não é verdade? Mas no Sul havia muitas áreas, Quinara, Fulacunda, Cubisseco, área de N'Tuane Tchou de Nalu, etc. Os camaradas começaram a não se entenderem, cada um do seu lado, cada um abusando, fazendo os abusos que lhe apeteciam na sua área, não respeitando qualquer outro que fosse para lá como o seu superior».

«Fizemos o Congresso de Cassacá para pormos o Partido no caminho como devia ser. Os responsáveis do Partido que cometiam mais erros e que foram ao Congresso, foram os únicos que se fizeram acompanhar de gente armada. Eles mesmos armados e ainda por cima, acompanhados de homens armados. Houve um que foi com a sua gente, um tal Watna cujo apelido não me recordo, que estava nas bandas de Nhali, junto de N'Calá. No Congresso puzémos tudo claro. Não viu contar a história do Congresso, não tenho tempo para isso, mas pusémos as coisas claras. Alguns dirigentes fizeram-se acompanhar mesmo com o seu grupo de bajudas. Algumas dessas bajudinhas daquele tempo, agora estão a estudar, como a Antónia Namboundé, outras são enfermeiras, como a Nhali e outras. Eram bajudinhas que estavam a crescer para alguns chefes do Partido. Outro veio mesmo com o seu «djidiu» que o cantava «Djidiu», cantando atrás! «Regulidade grande! Mas camaradas, isso é que é a África! A nossa tradição é essa! Quem é chefe é cantado, e quem vem atrás para cantar de vez em quando, recebe uns tostões e fica contente».

«Mas meteu-se-nos na cabeça fazer coisa de branco, não é? Independência é coisa de branco, tenham paciência! Partido é coisa demasiadamente nova na nossa terra, devemos respeitar leis novas, portanto. Ou há direcção, ou não há. Se há direcção ninguém pode vir com «djidiu», nem com criados atrás, quanto mais com corte de mulheres para lavar-lhes os pés, para lhes lavar a cabeça, para lhes catar piolhos, não é verdade? Para lhes untar azeite à noite. Outros como Casimiro por exemplo, abusando das nossas bajudas de uma maneira indecente».

«Tudo isso foi denunciado no Congresso de Cassacá, mas através de um trabalho duro, porque a nossa gente, o seu sistema é o seguinte: ver e calar, porque «se eu falo, talvez apanhe pancada». Podem imaginar quanto foi difícil para alguns de nós, particularmente para mim, pôr as pessoas a falar nesse Congresso, para dizermos a verdade sobre o Casi-

miro e outros que tais, sobre o Watna e outros. Mesmo dirigentes do Partido, como Rui Djassi, calaram-se! E, por cima, alguns dirigentes mesmo tinham também a sua conta no cartório e não queriam que os outros falassem deles. O esforço que foi necessário fazer, para pôr a falar os indivíduos que tinham vindo como criados, acompanhando aqueles grandes».

«E durante a reunião grande, de crítica e autocrítica, que começou às 7 da manhã dum dia e acabou às 6 horas da manhã do dia seguinte, sem praticamente parar, conseguimos muito. Em primeiro lugar, conseguimos desarmar os responsáveis que estavam com pistolas, para ficarem desarmados como toda gente. Foram denunciados cara a cara, mas ainda faltavam alguns para denunciar, porque os criados deles não tinham falado. As cinco horas e tal da manhã dei ordem para se ajuntarem no largo do Congresso todos os acompanhadores de responsáveis que tinham armas. Todos perfilaram com armas nas mãos. Eram somente os acompanhadores dos indivíduos que tinham cometido erros graves. Dei-lhes ordem para deporem as armas, que foram recolhidas. Pusémos claro o problema: «a partir deste momento, vocês estão todos presos, porque acompanharam indivíduos que cometeram erros graves no Partido, vieram apoiar os que abusam da autoridade que o Partido lhes deu, para fazer o que querem, o que as suas barrigas querem».

«Passamos um dia interrogando, mesmo o mouro grande de um deles, conselheiro espiritual de um deles, voltou-se contra o patrão. A pouco e pouco, as bajudas abriram a boca e contaram a verdade, e mostraram quanta raiva tinham daqueles atrás dos quais andavam. Mesmo os combatentes que tinham sido açoitados, contaram tudo: ando atrás dele mas fui batido, estou furioso. Foram completamente desmascarados. Infelizmente ainda um ou outro escapou naquele Congresso».

«Para resumir, digo-vos: aqueles principais culpados foram presos no fim do nosso Congresso e aqueles que não vieram, como Watna, mandamos uma missão de confiança para ir prendê-los onde estavam. Resistiram, foram liquidados. Garanto-vos, camaradas, que ainda hoje a nossa posição é essa. Qualquer que saia da linha do Partido, que abuse da autoridade do Partido, que recusa de obedecer às ordens do Partido, das duas uma: ou ele vence ou então liquidámo-lo de certeza, porque buscamos o interesse do nosso povo, não buscamos o interesse da barriga de nenhum de nós. Seja qual for o teu posto no Partido, militante ou dos mais altos responsáveis, se saíres da linha do Partido para fazeres tua própria linha, então prepara-te, porque tens que ganhar. Se não ganhares, serás certamente liquidado. Esta é a grande lição que tivemos no Congresso de Cassacá que foi muito importante, porque apesar de todos os erros, tivemos a coragem de criar nova vida para o Partido decidindo da criação do Exército Regular, da Milícia Popular, de Escolas, Hospitais, de formar enfermeiras, etc. etc, e abrimos um caminho novo para as bajudas todas que estavam lá para serem úteis. Foram para Conakry, para a Escola Piloto, onde começaram a formar-se para serem mulheres úteis ao povo e à luta».

«O nosso povo, em Kitáfine, entendeu claro e mesmo confessou: agora sabemos o que é o Partido. Vimos o que quer dizer Partido de facto. E aqueles que estavam ou estão a enganar o nosso povo, a fazer do Partido coisa sua, mais dia ou menos dia serão apanhados».

(CASSACÁ) MUDOU A FACE DA LUTA PARTIDO PARA A LIBERTAÇÃO

recebiam-nos com entusiasmo e confiança absoluta!

AS CIRCUNSTÂNCIAS DA REUNIÃO DESCRITAS POR MANUEL SATURNINO

O comandante do sector de Quitáfine, onde se efectuou o Congresso, era o camarada Manuel Saturnino, hoje membro do Conselho Superior da Luta e Comissário de Estado dos Antigos Combatentes. Pedimos-lhe que nos contasse as circunstâncias em que se realizou o Congresso, as dificuldades para garantir a segurança da reunião, as providências que tomou para que tudo decorresse como decorreu.

Deu-nos as informações que se reproduzem, salientando nós que o camarada Manuel Saturnino tinha, ainda, recebido a incumbência de garantir a segurança pessoal de Amílcar Cabral.

Eis o seu depoimento:
«A tabanca de Cassacá fica ao Sul do país, perto de Cacine na área de Quitáfine. Esta tabanca foi escolhida para a realização do primeiro Congresso do Partido, por estar ali a base central e por ser também a área mais calma e sossegada da frente Sul. Após a chegada do camarada Nino, de Conakry, disse-me que o camarada Amílcar Cabral tinha dado ordem para se escolher um local propício, no Sul, para se fazer a reunião. Nas nossas trocas de impressões optámos pelo sector de Quitáfine, pois não era

flagelado pelos bárbaros bombardeamentos dos colonialistas portugueses. Só existia ali um quartel da tropa inimiga, que estava cercado por nós, o de Cacine».

«Em toda a frente Sul, a antiga Zona 11 era a mais forte e a que podia sustentar as investidas dos inimigos».

«Quando ficou assente que o Congresso era em Cassacá, começámos os preparativos, as construções de barracas (cabanas) e abastecimento dos congressistas. Ao fim disso tudo mandámos avisar o nosso Secretário-Geral, que em seguida nos comunicou o dia da sua chegada. Nesse dia encontravam-se no local do Congresso os camaradas Rui Djassi, Osvaldo Vieira, Domingos Ramos, Nino e Tchutchu Axon, que acabava de chegar as re-

giões libertadas após se haver evadido das prisões dos colonialistas, em Bissau. Ficaram todos alojados. Cabral veio por via marítima e era acompanhado pelos camaradas Aristides Pereira, Luiz Cabral, Armando Ramos, Rogério e Lourenço Gomes, tendo desembarcado em Kafal e dali seguiram para a base».

UMA REDE DE SEGURANÇA MUITO FORTE

«Após a sua chegada montámos uma rede de segurança muito forte, cercado toda a área onde o Congresso era realizado para assim evitar qualquer infiltração do inimigo. No interior desse círculo havia outros camaradas que faziam patrulha-

mento e ainda um outro grupo que faziam um vai e vem de Campeane a Cameconde».

«A realização do nosso primeiro Congresso coincidiu com a ofensiva dos «tugas» na ilha do Como. Éramos informados no local do Congresso sobre o decorrer dos acontecimentos, pois o camarada Nino era o responsável militar e tinha que saber como as coisas estavam por lá.

No Congresso, sugeriu-se que abandonássemos a ilha, porque mais tarde ou mais cedo os «tugas» poderiam tomá-la e não valia a pena perdermos ali bons camaradas. Mas recusámos, pois se fizéssemos isso eles ganhavam mais confiança. Por outro lado, nós não os podíamos acostumar a nunca

(Continua na página 6)

Documento-Síntese do Congresso de Cassacá

Esclarecimento para a reorganização do Partido da População e das Forças Armadas

Durante o I Congresso foram aprovadas resoluções decisivas para o bom êxito da luta armada e da luta política que então se começava a travar por todo o País. Os textos originais não existem hoje, ou não se sabe onde param, dado que foram redigidos pelo próprio camarada Cabral e depois no Secretariado em Conakry, nunca foram passados a «stencil» e distribuídos.

Em contrapartida, existe um documento base, a que Cabral chamou «Esclarecimento para a reorganização do Partido, da População e das Forças Armadas, de acordo com as decisões do nosso I Congresso», e onde se reuniu o conjunto das resoluções, de forma articulada.

Desse importante documento

destacamos a parte que nos parece mais actual, ou porque fala da organização civil, que na sua base se mantém, ou porque enuncia princípios gerais de acção política, hoje como então, perfeitamente pertinentes. É o caso, por exemplo, da secção do documento sub-titulada «Sobre os outros órgãos dirigentes do Partido e da Revolução».

Para esta secção do documento se chama a atenção dos leitores, nomeadamente para a verdade destacada por Cabral: «sendo o Partido a força motriz da Revolução, a sua força são as massas populares», e a para a sua conclusão lógica: «as massas só se manterão fieis ao Partido, constituindo sempre a sua força principal, se as suas aspirações, iniciativas e críticas forem

ouvidas e respeitadas pela direcção superior».

DIVISÃO DO PAÍS EM DUAS PARTES

O que a seguir se diz, é para completar as palavras de ordem já dadas e dar certos esclarecimentos aos responsáveis da reorganização do nosso Partido da nossa População e das nossas Forças Armadas.

A reorganização do Partido, da População e das Forças Armadas é uma necessidade da nossa luta e da nossa vida. Ela tem de ser feita com todo o cuidado, sem pressas que podem prejudicar o trabalho, mas o mais rapidamente possível. Se cada um entender bem o que

a direcção do Partido quer e determina, se todos os responsáveis puserem a melhor boa vontade e o maior esforço neste trabalho, se todos colaborarem com camaradagem e espírito partidário, sem reservas nem desentendimento, tudo será depressa e bem.

Não há razão para confusão nem para dificuldades de qualquer espécie. É preciso que todos entendam bem o que se quer e que o povo e os combatentes sejam esclarecidos sobre os objectivos que o Partido tem em vista assim como sobre a importância que estas medidas têm para a nossa vida presente e para o futuro da nossa terra.

Hoje o país é formado de duas partes — o Sul e o Norte. O Sul engloba as seguintes regiões:

1. Catió-Cacine
2. Fulacunda-Bolama
3. Xitoli-Bafatá
4. Boé.

O Norte engloba as seguintes regiões:

1. Farim-Mansôa (Oio)
2. Bissau-Porto Gole
3. Bafatá
4. Gabú
5. Cantchungo
6. S. Domingos

Um conjunto de regiões (o Sul ou o Norte) é uma **inter-região**.

Em cada região há sectores. Assim, por exemplo, na região Fulacunda-Bolama, há os seguintes sectores:

1. S. João
2. Quinara
3. Ndjassani
4. Ntuame (Buba)
5. Cubisseco
6. Fronteira.

Nos sectores há **secções** que, no mato, são as **tabancas**. As povoações importantes como Farim, Catió, Bafatá, etc. São consideradas como sectores e devem ser divididos em secções por bairros.

Estes dois aspectos da nossa vida estão muito ligados um com o

outro, mas não devemos de agora em diante confundir as duas coisas. Tudo deve debaixo das ordens da direcção do Partido, mas temos de desenvolver e reforçar os meios necessários para que cada aspecto da nossa vida seja bem dirigido e sem quaisquer confusões.

Na vida civil temos:

- A acção política
- O desenvolvimento da Produção
- A segurança e a Milícia Popular
- Os assuntos sociais (Saúde e Educação).

As relações com as forças armadas

A situação da população (nascimentos, óbitos, casamentos, ec.)

- O Comércio
- Na vida militar temos:
- O Exército
- A guerrilha.

Estas são as coisas que nós temos de dirigir e de desenvolver da melhor maneira na fase actual da nossa vida e da nossa luta.

A — ORGANIZAÇÃO CIVIL

Na **inter-região** a direcção é tomada por um Comité designado pela direcção do Partido. Esse Comité é formado da seguinte maneira:

- 1 responsável geral (acção política e das forças armadas)
- 1 Comissário Político Geral e para a Produção
- 1 Comissário para a Informação, Segurança e Milícia Popular
- 1 Comissário para os Assuntos Sociais (Saúde, Higiene, Educação e Cultura)
- 1 Comissário para o abastecimento das Forças Armadas.

Ligados ao Comité regional e trabalham-se fizeram latridações com ele, porque quando a evitar doenças

Saúde e há sítios onde, Educação o nariz, senão...».

Estado



O camarada Amílcar Cabral, junto de outros camaradas, entre os quais Luiz Cabral e Arafan Mané, desembarca no Sul para participar no I Congresso. Ao longe o barco do Partido que viajou de Conakry.

○ 12º Aniversário do Congresso de Cassacá

(Continuação das centrais)

Em cada região há uma direcção regional (Comité regional) também designada pela direcção do Partido. É formado dos seguintes membros:

- 1 Responsável de Região
 - 1 Comissário Político e da Produção
 - 1 Comissário para a Informação, Segurança e Milícia Popular
 - 1 Comissário para os Assuntos Sociais
 - 1 Comissário para o abastecimento das forças armadas
 - Os chefes de Sector
- Ligados a este Comité e colaborando intimamente com ele, há os seguintes responsáveis, na região:
- 1 de Saúde e Higiene
 - 1 de Educação e Cultura
 - 1 de Estado Civil

Em cada sector há um Comité de Sector formado da seguinte maneira:

- 1 Responsável de Sector
- 1 Comissário Político e de Produção

- 1 Comissário para a Segurança e a Milícia Popular.
- 1 Comissário para a Saúde e Higiene

- 1 Comissário para a Educação e Cultura
- 1 Comissário para o abastecimento das Forças Armadas

- 5 elementos da população
- O chefe de Sector, o Comissário Político e o Comissário da Segurança são indicados pela direcção do Partido. Os restantes elementos são indicados pelo Comité inter-regional, com aprovação da direcção do Partido.

Pelo menos 3 membros do Comité de Sector devem ser mulheres. Em cada secção ou tabanca há um Comité de 5 membros, formado da seguinte maneira:

- 1 Presidente (Comissário Político e da Produção)
- 1 Vice-Presidente (Comissário da Segurança e da Milícia Popular)
- 1 Responsável para os Assuntos Sociais (Saúde, Educação)
- 1 Responsável para o Abastecimento das Forças Armadas
- 1 Responsável para o Estado Civil.

Estes responsáveis devem ser designados entre os melhores militantes do Partido na tabanca.

B — ORGANIZAÇÃO MILITAR

Em cada inter-região há um comando militar único, directamente ligado ao Conselho de guerra e ao Bureau Político do Partido. Esse comando é o responsável pela actuação do Exército e das guerrilhas na inter-região.

O Comando militar único é formado da seguinte maneira:

- 1 Comandante geral, responsável das operações
- 1 Responsável dos Abastecimentos (Comissário Político)
- 1 Responsável das Ligações
- 1 Responsável do Recrutamento e Treinos

(Vêm a seguir disposições organizativas sobre o Exército, posto o que o documento entra na secção mais genérica de acção política no seio das massas.)

SOBRE OS OUTROS ÓRGÃOS DIRIGENTES DO PARTIDO E DA REVOLUÇÃO

Além dos órgãos supremos da direcção política e militar da nossa Revolução, temos de reforçar a estrutura do Partido e a acção da milícia popular. «Tudo isto do Par através de terável tema é o nesta etapanhe pane principal alguns de nós de falar nesse Certo que respon-

sáveis políticos da direcção central e os das organizações regionais, zonais e de secção, tem de ter em conta e agir de acordo com a seguinte verdade: sendo o Partido a força motriz da Revolução, a sua força são as massas populares. Temos portanto de reforçar cada dia a influência, a organização, a audácia e trabalho do Partido no seio das massas populares da Guiné e Cabo Verde.

Isso quer dizer que, sejam quais forem as nossas ocupações e preocupações com a luta armada, temos de nos dedicar profundamente e eficazmente ao trabalho político. Temos, para isso, com base na mobilização e na confiança das massas populares, criar todas as condições para o pleno funcionamento dos órgãos de direcção local e dos organismos de base do Partido. O Partido só vale e valerá na medida em que tiver uma base forte, bem organizada, consciente e dinâmica.

O papel da direcção superior do Partido só será inteiramente cumprido no quadro da nossa Revolução, se essa direcção, em todos os níveis, estiver em ligação permanente com a base, com as massas populares. E essas só se manterão fiéis ao Partido, constituindo sempre a sua força principal, se as suas aspirações, iniciativas e críticas forem ouvidas e respeitadas pela direcção superior.

Para que triunfe a causa do nosso Partido e da nossa Revolução é necessário e indispensável que, para além das vitórias militares, o povo, as massas populares, as forças vivas, (civis e militares) — os trabalhadores dos campos e das cidades — sintam e vivam a realidade de que são cada dia mais os senhores do seu próprio destino, no quadro da actividade e da disciplina do Partido.

Temos de guiar as massas populares para a Revolução, até à vitória. Mas uma condição essencial é sabermos ser guiados pelas massas, através dos órgãos de base do Partido indispensáveis pela sua inextinguível iniciativa criadora.

Para cumprir essa tarefa maior da Revolução, o Partido tem de pôr em funcionamento todos os seus órgãos de direcção, toda a sua actividade de organização do povo, dirigida pelo povo e para o povo.

A dedicação e fidelidade ao Partido, o tempo de trabalho útil nas suas fileiras, a boa conduta moral, o grau de consciência política e partidária, a dedicação ao povo, o patriotismo, a ausência de espírito tribalista e o prestígio junto das massas — essas devem ser as características principais a exigir aos camaradas que serão colocados à testa dos órgãos locais directores do Partido. Fora do quadro da execução de curtas tarefas que exigem saber ler e escrever, o grau de instrução não deve ser obstáculo nem facilidade para a escolha dos responsáveis do Partido. O que é fundamental é que sejam inteligentes, honestos, cumpridores, e que desejam melhorar os seus conhecimentos à custa do seu próprio trabalho.

Na possibilidade momentânea de

eleger todos os seus responsáveis, eles devem ser indicados pelos dirigentes experimentados das diversas regiões e zonas, com base naquelas características, no conhecimento da sua actividade e nos sentimentos das massas em relação a esses camaradas. A sua designação tem de ser sancionada pelo Comité Executivo e confirmado pelo Bureau Político.

No caso particular da Guiné, temos de atender aos problemas relativos à existência de tribos, às diferenças de cultura e às tradições.

Só faremos boa política e serviremos a causa do nosso povo, na medida em que soubermos respeitar o que deve ser respeitado e combater sem violências o que é prejudicial, sempre com o objectivo de servir e reforçar o Partido e de fazer triunfar a Revolução.

Temos de dar atenção especial à consideração e respeito que merecem os velhos nas sociedades guineenses, fazer melhorar a consideração e o respeito pelas mulheres, até conquistarem a igualdade política e a dignidade social que constitui um dos objectivos da nossa luta.

Na presente etapa da nossa vida e da nossa luta — da acção revolucionária do nosso Partido — Temos de ser tolerantes mesmo para alguns aspectos negativos para a nossa sociedade, tais como certas hierarquias ou dominações de base económica ou religiosas, no seio de algumas tribos ou raças na Guiné e na sociedade caboverdiana. Devemos, no entanto, educar as massas, esclarecê-las e convencê-las dos objectivos de justiça, de igualdade e de progresso que são do nosso Partido.

A direcção suprema do Partido tem de fazer triunfar a Revolução, quer dizer, a construção da paz, do progresso e da felicidade do nosso povo, na liberdade, na igualdade política e na independência nacional. Sem a confiança nas massas e das massas, ela poderá talvez fazer muita coisa. Mas essa coisa não será certamente a Revolução. O aparelho do Partido deve, por isso,

estar presente no seio das massas, em todas as suas manifestações da vida, como instrumento e como guia da nossa Revolução.

No que se refere ao número dos organismos locais e de base do Partido, nós temos de seguir na medida do que é já possível, as disposições dos Estatutos. Temos de fazer uma distinção realista entre as regiões libertadas, e introduzir as disposições estatutárias as alterações que a prática exige no presente.

(Finalmente, o «Esclarecimento» aponta em pormenor a organização da milícia popular).

Depoimento de Manuel Saturnino

(Continuação das centrais)

dar resistência e a julgarem que desistíamos. A batalha continuou e o exército português teve que retirar com uma pesada derrota. Além disso, também os «tugas» queriam pôr um quartel em Campeane. Por isso é que reforçamos a segurança nessa zona e deitamos abaixo todas as casas que podiam servir de instalação ao exército inimigo.

«Um dos pontos da ordem do dia do Congresso era a análise de certos erros cometidos por alguns camaradas, no início da luta armada. O camarada Amílcar Cabral tinha conhecimento desses erros. Muitos responsáveis não obedeciam ao responsável geral da sua zona, querendo criar as suas próprias zonas onde mandavam só eles, transformando-se em autênticos régulos. O anarquismo era geral fazendo perigar a nossa luta. Mesmo na Zona 11 havia muitos responsáveis que desobedeciam ao camarada Nino, chegando ao ponto de o ameaçarem com arma, a ele que era o responsável máximo dessa Zona».

«Acho que o Congresso foi feito na devida altura, pois nessa ocasião a vida do nosso Partido estava a ser posta em perigo, pelos erros graves cometidos por alguns camaradas. Era preciso fazer qualquer coisa para fazer avançar a nossa luta armada. Eles

Campeonato de futebol

Nos jogos realizados no passado fim de semana, a contar para a 10.ª jornada do campeonato nacional de futebol, apuraram-se os seguintes resultados:

- Bolama, 5 — Bissorã, 0;
- Gabú, 0 — Bafatá, 0;
- Sporting, 4 — Farim, 1;
- Cantchun-go, 0 — Benfica, 2;
- Bula, 3 — Ténis, 3;
- UDIB, 2 — Ajuda, 1;
- Balantas, 4 — Tombali, 1.

Em jogos de reservas Farim venceu por 3-1 a UDIB e o Sporting bateu as FARP por 2 a 1.

faziam pior que os chefes de posto coloniais.

No Congresso esses camaradas foram punidos em conformidade com os seus erros. O povo da zona foi levado para o local para testemunhar os erros dos responsáveis».

«Além da segurança que montámos em certos pontos estratégicos que escolhemos por onde os inimigos podiam ter acesso a Cassacá, tivemos que montar uma outra segurança especial no recinto do Congresso. Muitos dos responsáveis foram ao Congresso armados. Eu como o responsável principal da segurança do local do Congresso, recebi ordem do Secretário-Geral, para desarmar todos os responsáveis que se encontravam armados. Com o decorrer do Congresso e os desmascaramentos que iam sendo feitos as tensões subiam cada vez mais e podiam ser levados a cometer asneiras. Alguns responsáveis foram para lá com 15 a 20 guarda-costas que só a eles obedeciam. Todos foram desarmados e afastei os guarda-costas do local do Congresso.

«Em pleno Congresso a Força Aérea Portuguesa começou a fazer os seus bombardeamentos, mas tivemos a sorte, pois não atingiram a base onde estavam os congressistas, quemando as tabancas vizinhas de Cassacá. Não sabiam da reunião que estava a decorrer. Só depois do Congresso, que a nossa base foi bombardeada, mas já tínhamos construído uma nova base».

«Depois do Congresso, o camarada Amílcar Cabral regressou a Conakry».

Na Guiné-Bissau

Cidadãos cubanos votaram nova constituição do seu país



No passado domingo, desde as 7.30 da manhã, até as 10 horas, os cooperantes cubanos, residentes na Guiné-Bissau, cumpriram o seu dever, votando livre e directamente, a nova Constituição do país.

É a primeira vez na história de Cuba que o povo cumpre esse direito.

Criaram-se dois colégios de votação, em Bissau, para os residentes em Bissau e em Bafatá, para os cubanos residentes do interior

do país. Em Bissau, as votações decorreram de forma organizada e houve muita participação. Pode-se dizer que foi um êxito.

O Congresso do Partido Comunista Cubano, durante a reunião que se realizou no fim do ano passado, na capital cubana, propôs ao povo cubano legalizar a sua constituição socialista. Segundo os dados preliminares, cem por cento estão de acordo com a nova constituição socialista de Cuba.

PEQUENOS ANÚNCIOS

PEDIDO

Pede-se a todos os antigos educandos da missão católica de Bula que queiram participar num convívio que terá lugar naquela localidade no próximo dia 4 de Abril, o favor de contactarem com os camaradas, Eurico Soares na casa Costa, Joaquim Pereira na Tipografia das missões e Augusto Dias no Comissariado de Agricultura.

VENDE-SE

Um camião «Dodge» de 6 toneladas, a gasóleo, em bom estado de conservação. Tratar com Zeca Robin, residente na Av. Unidade Guiné Cabo Verde, casa n.º 255-B, a qualquer hora do dia.

VENDE-SE

«Carrinha Peugeot 404» a gasolina. Aceitam-se propostas em carta fechada. Tratar com os Serviços Administrativos da TAP em Bissau.

AVISO

HORÁRIO DO REENSENTEAMENTO NA EMBAIXADA DE PORTUGAL

A Embaixada de Portugal na Guiné-Bissau informa os cidadãos portugueses aqui residentes que a Comissão de Recenseamento para as eleições legislativas funcionará na Secção Consular da Embaixada, a partir do dia 20, com o seguinte horário:

Terças, Quartas, Quintas, Sextas e Domingos: das 19 às 20 horas; Segundas e Sábados: das 12 às 13.

A AFRICA E O MUNDO

Pilotos americanos detidos pelas FAPLA

WASHINGTON (A.F.P.) — Dois pilotos americanos estão actualmente detidos pelas Forças do Movimento de Libertação de Angola (MPLA), que as FAPLA consideram mercenários, anunciou o Departamento de Estado.

Um porta-voz do Departamento de Estado, declarou que os dois homens não eram mercenários, mas conduziam um avião pertencente à companhia «Allegheny Airlines», comprado na Namíbia (sudoeste africano), quando, por uma razão desconhecida, aterraram em Luanda, capital do MPLA.

LOPO DO NASCIMENTO: SOLIDARIEDADE COM OS POVOS DA NAMÍBIA, ZIMBABWE E R.S.A.

LUANDA (TASS) — «Em matéria de política estrangeira, a República Popular de Angola desenvolverá e consolidará as relações de amizade e de cooperação com os países africanos, baseados nos princípios do respeito mútuo, da não ingerência nos assuntos internos de outrem, do não-alinhamento, da paz, da independência e do progresso. «Lopo do Nascimento, primeiro-ministro da RPA, fez esta declaração em Luanda por ocasião do reconhecimento da República, pela Organização da Unidade Africana.

«O governo da RPA, sublinhou o primeiro-ministro, solidarizar-se-á sempre com a luta dos povos irmãos da Namíbia, Zimbabwé e da RSA, que vivem sob o jugo racista e colonial».



PRESIDENTE AGOSTINHO NETO:

«O imperialismo estava interessado em manter o controle de Angola»

MOSCOVO (TASS) — «Todos os acontecimentos sobrevidos desde o início da nossa luta de libertação mostram que o imperialismo estava particularmente interessado em manter o controle de Angola», declarou o presidente Agostinho Neto. O presidente da República Popular de Angola deu uma entrevista à televisão central da URSS.

«Os imperialistas, disse, contavam destruir o nosso país, para manter a sua supremacia e continuar a explorar as suas riquezas naturais. São precisamente os imperialistas que se ingerem nos nossos problemas, sublinhou Agostinho Neto. «Os imperialistas americanos tentam ditar-nos, indicar-nos o governo que devemos ter e o modo da vida, que segundo eles, devíamos implantar no nosso país.

«Nas nossas relações com os países socialistas nunca sofremos nenhuma pressão no que diz respeito à política que devemos seguir, prosseguiu o presidente. Acusando a União Soviética e os outros países socialistas de intervir nos assuntos internos de Angola, o imperialismo quer simplesmente privar-nos da força vivificante que nos dão o apoio e a solidariedade destes países, para chegar aos seus vis objectivos: manter a sua dominação em Angola e explorar o nosso povo.

Agostinho Neto felicitou-se pela Conferência Internacional de Solidariedade com o povo angolano que terminou em Luanda. «Aos olhos dos homens progressistas do mundo esta conferência traduz a compreensão crescente e o apoio de que dispõe a nossa luta, disse. «Angola e o povo angolano agradecem aos soviéticos a ajuda que nos têm dado desde o princípio da nossa luta, pela contribuição da União Soviética para a nossa vitória», sublinhou o presidente.

JOSÉ EDUARDO: INDEPENDÊNCIA E NÃO-ALINHAMENTO

LUANDA (A.F.P.) — José Eduardo dos Santos, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Angola, deu na quarta-feira uma entrevista a quatro jornalistas franceses, no decorrer da qual abordou o problema das relações com a União Soviética, os países vizinhos, a África do Sul, a Europa Ocidental e as sociedades estrangeiras.

Interrogado sobre a posição da República Popular de Angola e da União Soviética respeitante à eventualidade de uma «solução negociada» em Angola, o ministro reafirmou que não estava em questão «novos compromissos com a FNLA e UNITA». A nossa soberania, disse, a nossa independência, a nossa li-

berdade são os princípios. O facto de Moscovo estar ou não de acordo conosco não nos incomoda. A nossa política é clara. Os países que nos ajudam e apoiam têm só que seguir as nossas decisões.

«A política do MPLA e do governo da RPA está determinada no espírito de completa independência. É a partir desta posição que se pode praticar uma verdadeira política de não-alinhamento».

No que diz respeito à África do Sul, o ministro reafirmou o apoio da RPA à SWAPO: «Há, disse, uma ocupação ilegal da Namíbia pela África do Sul. Há um representante legítimo do povo da Namíbia, reconhecido pela ONU. É a SWAPO. Nós respeitamos as decisões da ONU. Dentro desse espírito, temos dado e daremos todo o nosso apoio à SWAPO. Não temos fronteira com a África do Sul, mas somente uma fronteira com a Namíbia».

Após ter sublinhado «que todos os acordos assinados pelo governo colonial português — e não só com os sul-africanos — devem ser revistos à luz das novas leis da República Popular», José Eduardo abordando a questão dos interesses sul-africanos em Angola declarou: «Pensamos que os interesses da África do Sul não podem ser considerados como um pretexto para atacar a integridade territorial da República Popular de Angola. «O governo sul-africano deveria reconhecer o facto de existir um estado com representantes legítimos do povo angolano. Não poderemos, então, resolver todos os problemas respeitantes aos investimentos e aos interesses sul-africanos em Angola».

Evocando em seguida, a questão das sociedades estrangeiras em Angola, José Eduardo afirmou: «Estamos dispostos a respeitar os interesses das sociedades multinacionais que contribuíam para o desenvolvimento da nossa economia e para o bem-estar do nosso povo. E nesse quadro, estamos abertos aos investimentos estrangeiros, quer sejam do Leste ou do Oeste. Regra geral, para o momento, não é questão de proceder a nacionalizações, salvo se as empresas industriais ou agrícolas, têm capitais estrangeiros ou foram abandonadas pelos seus proprietários».

A QUESTÃO DE DJIBOUTI NA LIGA ÁRABE

CAIRO (AFP) — A Somália pediu à Liga Árabe para que o assunto de Djibouti seja submetido ao conselho da Liga, que se reúne em Março próximo a nível de Ministros dos Negócios Estrangeiros, soube-se no Cairo.

O conselho da Liga, acrescenta-se igualmente, tinha encarregado quatro países árabes (o Koweit, a Líbia, a Jordânia e a Argélia) para entrarem em contacto com o Governo francês, para que conceda a independência a este território.

O Koweit, indica-se ainda, propôs à Liga que os embaixadores dos quatro países árabes em Paris, fossem encarregados desta missão e que informassem os seus Governos sobre os resultados destes contactos.

A Liga infirmou os quatro países árabes sobre a proposta do Koweit.

VISITA DE BEAVOGUI AO CONGO

BRAZZAVILLE (TASS) — Lansana Beavogui, Primeiro-Ministro da República da Guiné, terminou ontem a sua visita de amizade, à República do Congo.

«Esta visita confirma novamente o carácter fraternal das relações, que existem entre os nossos países», declarou aos jornalistas, Lansana Beavogui. «Examinamos, no decorrer das conversações levadas a cabo com o Presidente da República do Congo, Marien N'Gouabi, e o Primeiro-Ministro Louis-Sylvain Goma, toda uma série de problemas relativos às relações entre o Congo e a Guiné, assim como alguns problemas internacionais». «A boa compreensão mútua existente entre os dois países é o prémio do estreitamento das relações bilaterais», acrescentou o Primeiro-Ministro.

CONDENAÇÕES À MORTE EM BANGUI

N'DJAMENA (AFP) — Oito pessoas reconhecidas culpadas da tentativa de assassinato do Chefe de Estado-africano, e de atentar contra a segurança do Estado, a 3 de Fevereiro último em Bangui, foram condenadas à morte, anuncia a rádio-difusão centro-africana, captada em N'Djamena. Entre os condenados figura o chefe de batalhão Fidel Obrou, genro do marechal Bokassa e o seu irmão Martin Meya.

Um francês, Georges Gaillant, reconhecido culpado de cumplicidade, foi condenado a três anos de prisão, 1 milhão de francos e 20 anos de interdição de estadia na República Centro-Africana.

GUATEMALA: 22 084 MORTOS

NOVA IORQUE (TASS) — Após dados oficiais incompletos, 22 084 pessoas pereceram a seguir ao tremor de terra na Guatemala. O relatório do Comité Extraordinário do Ministério da Defesa deste país centro-americano, constata as informações a partir de diversas regiões distanciadadas. O número de vítimas deste desastre não é ainda conhecido. Ao mesmo tempo numerosas vítimas estão ainda sepultadas sob os escombros dos edifícios, enquanto outras foram esmagadas pelos desabamentos de terreno.

Não obstante uma ajuda internacional variada, que chega à Guatemala por via aérea, o problema central é a falta de água potável e víveres. Os estratos mais pobres da população, especialmente os índios — habitantes autóctones da Guatemala — são os mais afectados.

KISSINGER NA AMÉRICA DO SUL

WASHINGTON (AFP) — O Secretário de Estado Henry Kissinger, empreendeu ontem a sua primeira visita à América do Sul, desde a sua entrada no Departamento de Estado.

Em nove dias, Kissinger visitará seis países e encontrará onze chefes de Estado e de Governo latino-americanos. As suas etapas serão sucessivamente a Venezuela, Perú, Brasil, Colômbia, Costa Rica e Guatemala, que ele acrescentou ao seu programa após o tremor de terra que aí se seguiu.

Alguns crimes da UNITA descritos por um jornalista francês

SILVA PORTO (Do enviado especial da A.F.P., Pierre Zanin) — Em SILVA PORTO, a UNITA não combateu. E, contudo ela matou. Ao entrar nesta cidade do centro de Angola na passada quinta-feira, as FAPLA descobriram verdadeiras pilhas de cadáveres.

A p'careta cava a terra. Um rosto apareceu, um corpo, o cadáver de um homem, morto há alguns dias. Mais longe, um pé sai da terra removida. O odor. Abundantes moscas... Os soldados desviam-se, mostram aos jornalistas as ossadas da UNITA. Nos campos de Silva Porto, abandonados há alguns dias provavelmente, pelas forças da UNITA, há sete valas recentes. A volta, uma dezena de manchas escuras marcam o lugar de outras ossadas mais antigas. A uns cem metros a prisão de Comarcam revela os seus muros. E nesta antiga prisão da PIDE que a UNITA detinha os militantes do MPLA, aprisionados depois da retirada deste movimento no verão passado. Foi lá perto do campo de milho abrasado pelo sol, ligeiramente afastado da cidade, que talvez várias centenas, segundo uma fonte oficial de militantes do MPLA foram massacrados. Os cadáveres não tinham sido ainda exumados, no sábado. Tem que se esperar para saber o número exacto dos homens e das mulheres mortos

à pressa antes da debandada da UNITA na semana passada. Deve-se esperar também para saber quantos foram massacrados desde o mês de Julho de 1975.

De momento, há apenas o número dos desaparecidos citado por um dos comandantes das FAPLA desta frente. Em Outubro, a UNITA detinha 140 militantes do MPLA.

Ontem, sete sobreviventes manifestaram-se. Os outros estão mortos, disse um dos sobreviventes. Um outro número: frente aos jornalistas, o comandante entregou-se a uma contabilidade eloquente, ao enumerar 235 pares de sapatos diante do campo de milho. Antes de serem mortos, os prisioneiros deviam abandonar os sapatos. Trata-se de um massacre de alguns meses.

Segundo o comandante das FAPLA, outros corpos foram encontrados perto de um ribeiro vizinho. Entre os desaparecidos figuram quadros importantes do MPLA, nomeadamente Joaquim Kapango, membro do Bureau Político do MPLA. Ele figurava na lista dos detidos nesta prisão. Sábado à tarde, no aeroporto de Huambo, um oficial que regressava de Lobito afirmou-me mesmo durante a manhã, na extremidade da pista do aeroporto de Lobito, tinham descoberto outras valas comuns.

LUIZ CABRAL EM GAMBIEL:

“NINGUÉM SE APROVEITARÁ DO TRABALHO DO POVO PARA SE ENCHER DE DINHEIRO”



O camarada Luiz Cabral ouve as explicações do engenheiro-chefe inglês, perto do rio Gambiel

(Continuação da 1.ª página)

Vieira, membro do Secretariado Permanente do CEL do Partido e Comissário de Estado das Forças Armadas, Carlos Correia, José Araújo e Umarú Djaló, todos membros do CEL do Partido, Manuel dos Santos (Manecas) membro do CSL, e os Comissários de Estado Samba Lamine Mané e Alberto Lima Gomes (Tino) e os Presidentes dos Comitês de Estado das Regiões de Gabú e Bafatá, respectivamente Lay Seck e Braima Camará.

Viajou também no carro do Presidente o camarada Basil Davidson e sua esposa.

Durante essa mesma paragem, em Portogole, onde a população estava na rua, em massa, o camarada Luiz Cabral reuniu as pessoas ao seu redor e falou com elas sobre os planos do Estado para aquela zona. Disse, então, que já passou um ano sobre o momento em que tomámos a nossa terra na mão, mas que um ano não é nada na vida de um homem, quanto mais na vida de um povo. Não obstante, «já abrimos caminho para a nossa terra avançar». Concretamente, e depois de referir o projecto da cana do açúcar, o camarada Luiz Cabral enumerou a central eléctrica que dispensará o gásóleo e trabalhará alimentada por casca de mancarra e arroz, produzindo electricidade para o Norte e Leste, desde Bissau ao Gabú, uma fábrica de sabão e outra de óleo de mancarra.

«Hoje que a nossa terra está livre e independente, somos nós que temos de pegar em tudo para a reconstruir. Até termos reconstruído a nossa terra temos de apertar os cintos um bocado para podermos pôr os nossos meninos na escola, para fazer hospitais. Temos que trabalhar duas vezes para que a terra avance para diante».

«O ano passado, quando chegámos, a primeira coisa que fizemos foi aumentar o preço da mancarra e do arroz porque achávamos que aquele preço é que era justo. O que os colonialistas pagavam, era um roubo do suor do nosso povo. Fizemos isso porque todo aquele que trabalha na agricultura deve sentir o seu trabalho vale, para si

e para a sua família, e que ninguém mais vai roubar o seu suor».

Ainda em Portogole, onde estas coisas foram ditas em conversa com a população, à beira da estrada, numa paragem «para agradecer a recepção», conforme disse, o camarada Luiz Cabral afirmou também não querer gente que grita «Viva o PAIGC» porque tem medo do Comissário Político, medo do Presidente do Comité da Região, medo do comandante das Forças Armadas. «Se alguém grita «Viva o PAIGC», que o faça só se está convencido que o PAIGC é bom para nós e se quer o PAIGC. Quando alguém grita «Viva o PAIGC», que o faça porque sabe que o seu filho, no caminho do PAIGC, não passará a miséria e o sofrimento por que passaram o seu pai e a sua mãe. Para isso é necessário saber bem o que é o PAIGC e o que é que o PAIGC quer».

PRIMEIRA REUNIÃO NO SARA APÓS A LIBERTAÇÃO TOTAL

Mais do que a visita ao acampamento de Gambiel e à região onde vai produzir-se a cana do açúcar, esta viagem de sábado foi um pretexto mais para os contactos do camarada Presidente com o povo da nossa terra, tal como acontecera durante toda uma semana, recentemente, no Leste do País.

Desta vez, a viagem transcorreu através de uma região sagrada da nossa luta, o Sara, através da estrada que o camarada Caetano Semedo e seus companheiros fecharam em 1966 tornando-a zona privilegiada dos nossos combatentes e base de ataque aos aquartelamentos inimigos, de Portogole a Mansoa, de Enxalé a Nhacra.

Houve paragens em Jugudul e Polbaque, um aquartelamento inimigo completamente destruído e abandonado e Cubadjol, a escassas três horas a pé da base de Enxalé onde estacionava um bi-grupo das FARP e próximo da tabanca onde morreram umas 30 «bajudas» num bombardeamento aéreo. Em Malafo o camarada Luiz Cabral e a sua comi-

tiva recolheram-se num minuto de silêncio junto ao túmulo da camarada deputada Nhare Na Onça que faleceu, há cerca de um mês, num acidente de viação.

Especialmente em Malafo, o povo saudou ruidosamente, em toda a expansividade, o camarada Presidente. A alegria e a naturalidade da recepção compreendem-se facilmente se nos recordarmos que o povo do Sara sabe há muito o que quer e para onde vai, guiado pelo Partido. Sofreu na carne e lutou pela sua libertação, como hoje trabalha e se esforça para levar para diante a nossa terra. As palavras ali, são dispensáveis. Por isso às palmas e vivas da população, o respondeu com um «Viva o povo do Sara!».

Mais adiante, em Missirá, as crianças desfilaram e cantaram o hino nacional num bonito coro a duas vozes. Dali seguiu-se para Camcumba onde se realizou um comício em que falaram os camaradas Presidente do Comité de Estado da Região, Braima Camará (Dakar), Basil Davidson e Luiz Cabral.

“NINGUÉM SE APROVEITARÁ DO TRABALHO DO POVO PARA SE ENCHER DE DINHEIRO”

«Sinto grande alegria porque esta é a primeira reunião que fazemos na região do Sara, depois da nossa luta armada. O Sara é uma região onde fizemos uma luta bonita das muitas com que libertámos a nossa terra», começou por dizer ao povo de Camcumba o camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado.

Depois, lembrou alguns dos heróis que tombaram na região: Pansau Na Isna, que saiu da ilha de Como, após libertada a região, para ir dirigir as Forças Armadas no Sara e morrer na frente de Nhacra; Quinta Djasí, que morreu durante um bombardeamento, quando se demorava para recuperar a caixa dos instrumentos de enfermeira; e Titina Silá, «uma das maiores combatentes da nossa luta», nas palavras de Luiz Cabral.

«Esta independência que nós temos hoje é uma grande vitória do povo desta área do Sara», continuou o Presidente. «Se nós bailamos e cantamos hoje, é porque houve pessoas que acreditaram na nossa vitória e que mesmo no momento de morrerem acreditaram que iam ganhar. É essa mesma fé e confiança que temos de solidificar, hoje, para reconstruirmos a nossa terra».

Apelando para a unidade do nosso Povo, com referência a palavras recentes do camarada Samora Machel, Presidente da FRELIMO: «A unidade é a força dos pobres», o camarada Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC insistiu na justiça que o Partido quer para todos os filhos da nossa terra, «para todos os que vivem e trabalham na nossa terra»,

no facto de todos terem idênticos deveres e direitos e na necessidade de se confiar no Partido para pôr termo definitivo à exploração da nossa terra.

«Na nossa terra já não há exploração do branco, mas não pode também haver exploração do preto», especificou, antes de concluir a sua intervenção em Camcumba:

«Nós hoje temos que estar atentos e saber que a exploração não tem cor. Acabámos com a exploração do branco na nossa terra mas temos de manter os olhos abertos para não deixarmos o preto explorar-nos. O trabalho do nosso povo, hoje, tem que ser para benefício do nosso povo; trabalho de nós todos, na nossa terra, tem que ser para os nossos meninos. Temos todos os caminhos abertos diante deles, para que no futuro ninguém se aproveite do trabalho dos nossos meninos para se encher de dinheiro».

Almoçou-se no acampamento de Gambiel, tendo os técnicos ingleses e holandeses que dirigem os estudos preliminares explicado ao camarada Presidente as dificuldades até aqui encontradas e o calendário provável do empreendimento, assim como a sua rentabilidade económica. Os camaradas da Agricultura que acompanharam a viagem completaram as informações sobre o complexo agro-industrial. Aliás, a agricultura estava lá com a maior parte dos seus responsáveis superiores, nomeadamente os camaradas Samba Lamine Mané, Avito Silva, Luís Cândido e Maria Helena Rodrigues.

(No próximo número contámos publicar uma reportagem sobre o complexo açucareiro de Gambiel).

O Embaixador da China entregou credenciais



Teve lugar no fim da tarde de ontem no Salão «Abel Djassi» do Palácio da República, a cerimónia de entrega de credenciais ao camarada Presidente Luiz Cabral, por parte do embaixador da República Popular da China, Chia Huai-Chi, no nosso país.

Estavam presentes na cerimónia os camaradas Francisco Mendes, membro do Secretariado Permanente do CEL do Partido e Comissário Principal, João Bernardo Vieira (Nino) membro do Secretariado Permanente do CEL do Partido e Comissário das Forças Armadas, além de outros membros do nosso Partido e do nosso Estado.

Por manifesta falta de espaço, não nos é possível publicar hoje a reportagem da cerimónia, que incluímos na nossa próxima edição, com especial destaque para as declarações prestadas pelo embaixador da República Popular da China.

ÚLTIMA HORA

A ARGÉLIA E A LUTA DO POVO DO SAHARA

ARGEL (AFP) — O Governo argelino acaba de enviar um memorando a Kurt Waldheim, Secretário-Geral das Nações Unidas, sobre o problema do Sahara Ocidental. Nesse longo texto (uma dezena e meia de folhas), Argel denuncia vivamente «o acordo tripartido de Madrid, cheio de consequências no que respeita ao futuro da paz, da segurança e da estabilidade nesta região do mundo. O acordo de Madrid, segundo Argel, é o resultado de uma combinação de interesses privados, de diversas pressões oficiais e do abandono das suas responsabilidades pela potência administrante, a Espanha. A intervenção armada de Marrocos e da Mauritânia [...] encontrou uma resistência encarnhada da parte do povo sahariano. A solução, diz em conclusão o memorando, deve residir no regresso à legalidade internacional, que garante aos saharianos o exercício do seu direito inalienável à autodeterminação pela via de um referendo livre e autêntico».

NOVO MINISTRO ARGELINO DE FINANÇAS

ARGEL (AFP) — Abdelmalek Temam, antigo director-geral do Banco Nacional de Argel, foi nomeado ontem ministro das Finanças, em substituição de Smail Mahroug, chamado para outras funções.

Temam dirigiu, desde a sua criação, em 1966, o Banco Nacional da Argélia.

De cinquenta anos de idade, ele tinha dirigido, durante a guerra da Argélia, o jornal «EL MOUDJAHID», órgão do FNL. Quanto a Smail Mahroug, a quem ele acaba de suceder, ele foi «chamado para outras funções» não precisadas, segundo a nomeação assinada pelo Presidente Houari Boumediene.

DJIBUTI: CONTRA UMA SOLUÇÃO NEOCOLONIALISTA

MAPUTO (TASS) — O povo de Djibouti exige o reconhecimento imediato do seu país à independência total e incondicional, declarou Ahmed Dini Ahmed, Secretário-Geral da Liga Africana do Povo para a Independência.

Numa entrevista concedida ao jornal moçambicano «Notícias», ele exigiu a retirada imediata de todas as tropas francesas deste território.

«Tem que se suprimir as sequelas do sistema colonial vergonhoso em África», disse Dini Ahmed. «Nós lutaremos também contra toda a tentativa de impôr a solução neocolonialista do problema de Djibouti», sublinhou ele.